



Revista Latinoamericana de Psicopatologia
Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental
Brasil

Charron, Pierre

As paixões em geral. Da sabedoria, Livro I, Capítulo 20

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 12, núm. 1, marzo, 2009, pp. 218-220

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233016516015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As paixões em geral* Da sabedoria, Livro I, Capítulo 20

Pierre Charron

218

Paixão é um movimento violento da alma em sua parte sensitiva, o qual ocorre ou para seguir aquilo que a alma pensa ser bom ou para fugir daquilo que ela pensa ser nocivo. É importante saber como se formam esses movimentos, como eles nascem e se aquecem em nós. O que nós podemos representar por meio de diversos modos e comparações, primeiramente pela observação de sua emoção e impetuosidade.

A alma, que é única, possui várias e diversificadas potências, conforme o veículo ao qual ela está atrelada, os instrumentos de que ela se serve e os objetos que lhe são propostos. Quando as partes às quais ela está ligada não a oprimem e a ocupam dentro da proporção de sua capacidade e conforme o necessário para o seu bom uso, os efeitos são suaves, benignos e bem regrados. Por outro lado, quando as partes da alma movimentam-se e aquecem-se mais do que se deve, elas se alteram e se tornam prejudiciais; como os raios do sol que, vagando naturalmente livres, aquecem suavemente, mas, uma vez recolhidos e remetidos por um espelho, ardem, queimam e consomem aquilo que normalmente alimentaria e daria vida.

* Tradução de Paulo José Carvalho da Silva da edição do *De la sagesse*, Paris, Chaigneau, 1797. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 9 fev. 2009.

Além disso, as paixões têm diversos graus de força e emoção, e podem ser distinguidas conforme a intensidade: as medíocres se deixam degustar e digerir, elas exprimem-se por meio de palavras e de lágrimas. As grandes e extremas as-sombram a alma como um todo, a sobrecarregam e impedem a liberdade de suas ações.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao vício, desregramento e injustiça que há nas paixões, nós podemos comparar o homem a uma república, e o estado da alma a um Estado real, no qual o soberano, para poder governar o povo, dispõe de magistrados, aos quais, para o exercício de suas responsabilidades, ele determina leis e regulamentos, reservando-se o conhecimento apenas dos maiores e mais importantes acidentes. Dessa ordem depende a paz e a prosperidade do Estado. Se, pelo contrário, os magistrados, essa espécie de intermediário entre o príncipe e o povo, deixam-se enganar facilmente, ou corromper por favores, e sem respeitar o soberano e as leis por ele estabelecidas, eles usam de sua autoridade para a execução dos negócios, eles causam a desordem e a confusão. Assim também é no homem: o entendimento é o soberano, que possui sob sua direção uma potência estimativa e imaginativa como um magistrado, para conhecer e julgar, por meio dos sentidos, todas as coisas que se apresentam e, assim, mover os afetos para a execução de seus julgamentos. Para a boa condução do exercício desta responsabilidade, a lei e a luz da natureza foram concedidas e, além disso, há sempre a possibilidade de recorrer ao conselho de seu superior e soberano, o entendimento.

Eis a ordem do ser feliz, mas a infelicidade é justamente que essa potência, sob o entendimento, e acima dos sentidos, à qual pertence o julgamento das coisas, deixa-se corromper ou enganar, na maior parte do tempo, o que a faz julgar mal e temerariamente: pois ela maneja e revolve nossos afetos de modo inadequado e nos lota de perturbação e de inquietude.

(...) Desses dois conselhos falsos, as imagens criadas por meio dos sentidos e as ideias do senso comum, formam-se na alma uma inconsiderada opinião sobre as coisas, se são boas ou ruins, úteis ou prejudiciais, dignas de serem procuradas ou evitadas, o que é certamente um perigoso guia, pois assim que ela é concebida, sem levar em consideração o *logos* e o entendimento, como dentro de uma cidadela, ela resiste fortemente contra a reta razão, e revolve os afetos, com movimentos violentos de esperança, de medo, de tristeza, de prazer. Em poucas palavras, essa opinião faz sublevar o solo da alma, que são as paixões.

(...) As primeiras paixões que se formam sobre o objeto aparentemente bom, nas quais entram em consideração os meios para adquiri-lo, excitam em nós ou a esperança ou a desesperança. Aquelas que se formam sobre um objeto mau iminente fazem nascer o medo ou a audácia; aquelas referentes ao objeto mau presente, a cólera e o furor, que são excepcionalmente violentos e atropelam

completamente a razão, já estremecida. Eis os principais ventos de onde nascem as tempestades de nossa alma. A caverna de onde eles saem é a opinião sobre os objetos que se apresentam a nós como deleitáveis ou evitáveis. Opinião que é normalmente falsa, vaga, incerta e contra a natureza, a verdade, a razão e a certeza.

PIERRE CHARRON (1541-1603)

Estudou leis, mas se tornou teólogo, filósofo e pregador. Sua obra é frequentemente associada ao pensamento de seu célebre amigo Michel de Montaigne (1533-1592), ao neoestoicismo e ao ceticismo francês da primeira modernidade. O *De la sagesse*, apesar de controverso, recebeu várias reedições em sua época.